

O GOSTO PELA LEITURA DE MACHADO DE ASSIS HOJE

Lucicléia Sousa Silva Passos (Mestre em Letras- Literatura e Cultura pela Universidade Estadual de Santa Cruz)

Patrícia Kátia da Costa Pina (Professora Titular de Literatura Brasileira-UNEB, Caetitê-Bahia-Brasil)

RESUMO: Uma obra literária não é escrita ao acaso, do nada para o nada. Assim como as cartas possuem seus destinatários, as obras literárias também possuem um público determinado. Desse modo, os autores introjetam em seu texto uma imagem de leitor que deseja não só atingir como também construir. Entretanto, como o autor apenas escreve o texto, no processo de materialização deste, ou seja, no processo de edição, outros sujeitos do impresso entram no jogo, imprimindo, através do tipo de papel, do formato, do tamanho do livro, das ilustrações, novas significações ao texto original e construindo, também, um público simbólico, com o qual o livro irá interagir. Diante disso, este estudo buscou discutir o modo como o público infanto-juvenil é convidado a se debruçar sobre Conto de Escola, de Machado de Assis, publicado pela Cosacnaify. Fundamental essa pesquisa os constructos teóricos de Iser, Zilberman, Lajolo, entre outros.

Palavras-chave: Leitura Literária, Machado de Assis, crianças.

“Um país se faz com homens e livros”

Monteiro Lobato

A frase de Monteiro Lobato, posta em epígrafe, traduz bem o sentimento com que nasceu a literatura infanto-juvenil brasileira no final do século XIX. Na verdade, a princípio não se poderia falar em uma literatura infantil propriamente brasileira, mas em traduções, em adaptações de textos europeus, textos esses em sua maioria escritos para adultos, já que a noção de infância como uma etapa diferenciada da vida era algo em construção, ou seja, surgiu entre o final do século XVII e do XVIII (ZILBERMAN, 1985, p.13; 1993, p.15).

Monteiro Lobato partia do pressuposto de que um país só poderia se modernizar investindo em educação. Essa também era a crença daqueles que governavam o Brasil no fim do século XIX, pois éramos um país que havia se tornado independente de Portugal e que adotou o regime republicano, e, para mostrarmos que estávamos em processo de modernização, precisávamos investir na publicação de livros para várias faixas etárias. Além dessa forma de pensar, outros fatores que instigaram a criação de uma literatura infantil foram a abolição dos escravos, a chegada dos imigrantes, a existência de tipografias, livrarias e bibliotecas no Rio de Janeiro (LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p.251). Foram esses os acontecimentos que proporcionaram a formação de um público consumidor de livros infantis e escolares, conforme apontam Zilberman e Lajolo (1993, p.15).

Nesse primeiro momento, a literatura infantil brasileira é de caráter conservador e segue como modelo os contos de fada europeus. Como exemplo, podem ser mencionadas as traduções de Carlos Jansen (*Robinson Crusóé, Contos seletos das mil e uma noites*) e as de Figueiredo Pimentel (*Contos da Carochinha, Histórias da baratinha, Contos de fada*, etc). Essas obras e as demais publicadas entre o fim do

século XIX e início do século XX apresentavam caráter pedagógico e tinham como missão construir na criança um sentimento de amor à pátria, um bom caráter, por isso, temas como obediência à família, caridade e trabalho eram tão recorrentes (ZILBERMAN & LAJOLO, op. cit., p. 249).

As obras destinadas ao público infantil, nesse período, valorizavam como personagens os tipos heróicos, valentes, invencíveis, muito mais próximos da perfeição dos deuses, do que de seres humanos. Notava-se o “domínio quase absoluto da exemplaridade, da rigidez de limites entre certo/errado, bom/mau, etc” (COELHO, 2000, p.20). A educação era rígida e pretendia encurtar o período de imaturidade da criança, por isso, os bons textos literários eram aqueles que pudessem conduzir a criança a assumir atitudes e posturas recomendáveis de adultos.

No século XIX, a escola passou a ser tema de muitos livros, os quais reforçavam a “sua função pedagógica na polaridade das figuras antípodas do bom e do mau aluno” (ZILBERMAN & LAJOLO, 1993, p.251). Contudo, em “Conto de escola”, publicado em 1884 e integrado ao livro “Várias Histórias” em 1896, Machado de Assis caminha na contramão do que era proposto, ou melhor, muito à frente de seu tempo (GARCIA & SILVA, 1999, p.47). O tema é a escola, mas esta é descrita como um ambiente monótono, em que as atividades realizadas são coercitivas e em nada estimulam a criatividade do aluno. O personagem principal, Pilar, não é um exemplo de garoto, não é bem comportado, nem aplicado aos estudos. Também não se situa como bom ou mau, aliás, como os demais personagens machadianos, Pilar tem suas virtudes, mas também suas mazelas.

O que Machado de Assis faz parecer nesse conto é antecipar as características que um texto literário infantil deveria ter e que Monteiro Lobato acreditava que devia ter, a

saber, “uma literatura [...] em que predominasse a aventura” (ZILBERMAN & LAJOLO, 1993, p.251). Ou seja, uma leitura prazerosa, que envolvesse a fruição. Talvez, seja por esse motivo também, que a tentativa da COSACNAIFY de aproximar o público infantil da obra machadiana se dê por meio desse conto, transformado num livro com um excelente projeto editorial, ilustrado por Nelson Cruz.

A criança que tiver acesso ao livro da COSACNAIFY vai se deparar com uma narrativa com termos linguisticamente antigos e que talvez lhe pareçam difíceis, mas basta observar o glossário, também muito colorido, que as dúvidas e dificuldades serão sanadas. Além disso, as imagens, as ilustrações, são fatores que convidam a criança a ler “Conto de escola”. Mesmo aquela criança que não domine a leitura, terá uma noção do que trata a obra, em virtude da presença das ilustrações, pois, como bem afirma Coelho (2000, p.196), “a imagem fala tanto quanto a palavra”. Além disso, pode-se mencionar ainda que a imagem atende a três funções: simbólica, epistemológica e estética. Isto quer dizer que primeiro serve para permitir o acesso ao que é sagrado e a valores associados a formas políticas; segundo, serve trazer informações visuais sobre o mundo e em terceiro plano serve para transmitir sensações (BELISÁRIO & ANDRETTA, 2008, p.309).

Neste sentido, podemos dizer que as imagens na obra em análise servem para atrair o leitor para despertar as “lembranças- telas”, termo proposto por Jouve (2000, p.118) para se referir ao processo em que ocorre a identificação entre o leitor e os aspectos do texto. Segundo esse autor, a leitura literária é uma atividade de dimensões não só cognitivas, como afetivas. Sendo assim, à luz do que diz o autor anteriormente citado, um professor que deseja incentivar seus alunos a gostarem de ler, deve optar por textos que sejam atrativos para o aluno, que lhes despertem emoções, haja vista que esse

é um pressuposto básico da leitura literária. Isto porque o texto literário não é algo pronto, acabado e sem vida, mas seus sentidos se constroem na interação com o leitor.

Quando ocorre a identificação entre os leitores e os elementos da narrativa, alguns leitores sentem piedade das personagens, ou simpatia, raiva, entre outros. Assim sendo, quanto mais intensas forem as emoções que um texto suscitar no leitor, maior será o seu interesse por continuar a leitura e maior será o grau de convencimento do texto ficcional. Neste sentido, todo leitor possui um ponto de vulnerabilidade, algo que o sensibiliza, que o faz embevecer-se ou não ao ler um texto. Esse elo entre o leitor e o texto ocorre quando algo na obra que está sendo lida lhe interessa. Entretanto, se isto não ocorre, não há como o leitor perceber a leitura como satisfatória.

No caso de “Conto de escola”, agora transformado em livro, tanto o assunto do conto quanto as imagens favorecem a formação das chamadas “lembranças-telas”. A questão de a narrativa tratar de um estudante é o primeiro ponto de identificação da criança com o texto. Em seguida, pode ocorrer a identificação com a personagem Pilar, um garoto que havia levado do pai “uma sova de vara de marmeleiro” por estar fazendo o que as crianças de hoje chamam de “filar (ou matar) aula” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.05). Pilar era um menino que amava brincar na rua, gostava de soltar pipas, era um admirador da liberdade e, por isso, se via sufocado pelo professor autoritário, pela mesmice do dia-a-dia na escola.

Outro aspecto que pode chamar a atenção da criança que ler o livro é o eterno embate entre professor e aluno ou entre colegas de classe. Pilar, que além de personagem principal, também é o narrador da história, recebe a proposta de um colega, chamado Raimundo, que é filho do professor Policarpo. Devemos mencionar que, enquanto narrador, Pilar surge como adulto. Esse ponto de vista espacial, ou seja, a

presença de um narrador adulto que está no presente e volta ao passado, rememorando-o, confere mais veracidade à narrativa. Essa é uma estratégia que confere poder de persuasão à diegese de “Conto de escola” (LLOSA, 2006, P.81).

Retomando a relação Pilar - Raimundo, o primeiro deveria explicar a Raimundo a lição de gramática e em troca receberia uma moeda de prata. Um dos colegas dos dois garotos, Curvelo, relata o ocorrido ao professor que severamente pune Raimundo e Pilar. Este último promete vingar-se, mas não consegue realizar o intento porque o garoto foge com medo. No dia seguinte ao ocorrido, Pilar sai à procura da moeda, mas distrai-se com um batalhão de fuzileiros e com o som dos tambores, segue-os por um bom tempo e depois retorna para casa (filou/matou aula), sem se lembrar da moeda e sem mágoa dos colegas. Pilar esvazia o peso da punição por esquecê-la: nesse movimento, ele dá leveza ao cotidiano, invertendo os valores que prevaleciam na época.

Esse texto machadiano reinventa as condições educacionais e o pensar que permeava a mente do brasileiro do século XIX no que se referia à educação das crianças. Na própria narrativa há a informação do ano em que se dão os acontecimentos acima citados, ou seja, um dia do mês de maio de 1840, período que corresponde ao fim da Regência. Nessa época, o professor podia e devia usar a autoridade de que dispunha, “aplicando castigos corporais, de modo que a coerção social, própria de todo processo educativo, se fazia por meio da disciplina escolar apoiada em ameaças e violência física” (GARCIA & SILVA, 1999, p.47). Isso é observável na fala de Pilar:

O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.13).

Além desse trecho, há outro em que, após a delação de Curvelo, o professor Policarpo pune, fisicamente, Raimundo e Pilar e desfere uma série de palavras que deixam os dois garotos envergonhados perante a classe. Observe:

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma cousa; não lhe poupou nada, dous, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos semvergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões!tratantes!faltos de brio!Eu por mim, tinha a cara no chão, não ousava fitar ninguém (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.24-25).

Machado de Assis, ao tomar a escola como tema de seu conto, não defende o sistema rígido de ensino que vigorava naquela época. Ele aponta a formação do caráter das crianças, desvela as mazelas, as maldades humanas. Na ótica da narrativa em discussão, nenhum ser humano é totalmente bom ou totalmente ruim, toda pessoa convive com virtudes e defeitos. Com isso, esse conto machadiano apresenta algumas características típicas da literatura infanto-juvenil moderna, como expressa Coelho:

Na literatura infantil/juvenil, surge a tendência de se substituir o herói individual, infalível, 'ser de exceção', pelo grupo, pela patota, formada por meninos e meninas normais. Ou então, por personagens questionadoras das verdades que o mundo adulto lhes quer impor. (COELHO, 2000, P.24).

Machado ultrapassa os limites que separavam os personagens bons daqueles que eram maus tão comuns nos textos literários da sociedade oitocentista. Pilar era um garoto esperto, interesseiro, que se predispôs a ajudar um colega em troca de dinheiro.

Gostava de filar aula, de brincar, mas conseguia esquecer facilmente as ofensas. Raimundo tinha dificuldades para assimilar os conteúdos ministrados pelo professor, que era seu próprio pai, por isso, resolveu usar seu poder aquisitivo para comprar a explicação do colega. Curvelo, por sua vez, representa o menino curioso, que gosta de se dar bem com os professores, delatando os colegas; é, também, covarde, medroso. Percebe-se, portanto, que os personagens machadianos de “Conto de escola” estão muito mais próximos dos personagens modernos que dos modelos de personagens típicos dos textos literários do século XVIII e XIX.

Se não bastasse toda essa riqueza de informações e detalhes presentes no conto, que por si só já seriam suficientes para seduzir o leitor, a editora COSACNAIFY, para tornar o texto ainda mais atrativo, acrescenta algo muito comum na era da informática: o uso de imagens. Algo valorizado pela geração pós-moderna porque se supõe que “a imagem sobrepuja o real, ou melhor, é mais real que o próprio real” (WALTY et al, 2001, p.89). Aliás, devemos dizer que apesar da geração pós-moderna embevecer-se tanto com as imagens, esse recurso não é novo, mas tem sido formas de expressão “da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escritura” (SANTAELLA & NÖTH, 1999, p13). A novidade, atualmente, reside no fato de se aliar palavra e ícone.

Desse modo, a criança que tiver a oportunidade de ler “Conto de escola” publicado pela COSACNAIFY e ilustrado por Nelson Cruz terá a chance de realizar várias leituras. A primeira seria a do signo lingüístico, a segunda seria a leitura feita pelo ilustrador e transformada em imagens e que será lida pela criança. A terceira será a leitura realizada pela própria criança, que depende das duas anteriores e do conhecimento de mundo que dispor. Note-se nas palavras de Walty et al (2000, p.62)

que “o leitor ao ler um texto ou um quadro, cria novas imagens”. Isto é, a partir das vivências que possui, o leitor vai atribuindo sentido, novos significados ao que lê, reescrevendo o texto, criando suas imagens sobre o que lê.

Assim sendo, como salienta Iser (1996, p.50), o leitor constrói o sentido do texto a partir da interação entre as duas partes (texto –signos e imagens- e leitor) independentes. Cabe ao texto designar orientações para a produção de um sentido, que em se tratando da literatura é o objeto estético. Quanto ao leitor, compete seguir ou não as instruções ou orientações e produzir um significado para o que leu. Resumindo, o leitor de “Conto de escola” atribuirá sentido ao texto a partir das pistas lingüísticas e das imagens que ilustram o livro. Em respeito a essas últimas, deve-se destacar que desde a capa o pequeno leitor já terá a noção do que trata o texto. Dois garotos trocam um pequeno pedaço de papel como se estivessem colando, enquanto outro, muito atento, contempla toda a cena. Na contracapa, há a imagem de um tambor, sinônimo de festa, de alegria, em seguida um sol irradiante ilumina algumas casas antigas; logo depois, imagens de várias casas e um garoto (Pilar) contemplando toda cena, em tom reflexivo.

Posteriormente, o mesmo garoto aparece levando uma boa surra do pai, enquanto na página ao lado aparecem algumas moedas de prata. É interessante observar que as imagens do pai do garoto e do professor são sempre maiores, imponentes, principalmente quando estão repreendendo as crianças; as imagens dos garotos são pequenas. As moedas que aparecem ao longo do texto, de uma das quais Pilar se apossa, aparecem ao final “com asas”, voando, permitindo que a criança leitora perceba que o garoto perdeu a tão sonhada moedinha de prata. Por fim, importa destacar que o jogo de cores é diferente em cada local retratado. Quando Pilar é castigado pelo pai ou pelo professor o ambiente é retratado com cores mais escuras; a escola também é descrita por

meio de cores fortes e pesadas, enquanto a rua, o morro e os fuzileiros com seus tambores, são ilustrados com cores vivas, alegres.

Nesse sentido, importa dizer que o uso de imagens é o “gancho”, o ponto de partida para conquistar, para seduzir e envolver a criança leitora em “Conto de escola”. Deve-se ressaltar também que o uso de imagens para o público infantil, além de contribuir para a formação do gosto pela leitura, dada a pequena experiência das crianças, é um meio de se promover “o encontro da criança com o imaginário literário (que tanto a seduz)” (COELHO, 2000, p.196).

Acerca desse assunto, estudos de psicologia aplicados à pedagogia revelam que o uso de imagens em livros infantis é de grande valia em termos psicológicos, pedagógicos, estéticos e emocionais. Serve para estimular a atenção visual da criança e desenvolver a capacidade de percepção, concretiza relações abstratas que a mente da criança não consegue perceber só através das palavras e permite que as crianças fixem de modo mais significativo as impressões que tiveram com a leitura. Caso sejam bem elaboradas, as imagens aprofundam “o poder mágico da palavra literária e facilita à criança o convívio familiar com os universos que os livros lhe desvendam” (COELHO, 2000, p.198).

Em se tratando do livro “Conto de escola”, as imagens usadas atendem aos princípios acima elencados e servem não só para “contar” a narrativa por meio de uma linguagem não-verbal como também para dar uma idéia ao leitor de como era o Rio de Janeiro nos fins do século XIX e início do XX. Para tanto, o ilustrador Nelson Cruz esclarece que se baseou em “obras de artistas desse período” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.31). Isso posto, pode-se dizer que o uso de imagens na era da informatização, que parecia ameaçar a existência do livro impresso, pode ser um recurso a mais para

contribuir na formação do gosto pela leitura, não só em crianças como também em adultos (SANTAELLA & NOTH, 1999, p.67).

A criança de hoje que possuir um exemplar de “Conto de escola” da COSACNAIFY, através da leitura do signo lingüístico e das imagens, traduzirá para si e recriará a narrativa oitocentista, “recorrendo a significados, em busca dos sons e sentidos, ritmos e formas, sons e cores” que tornem o texto mais próximo de si (ZILBERMAN & LAJOLO, 2001). Mais ainda, o uso de imagens é uma forma de aprendizagem cultural, pois as imagens possuem significados culturais, marcas geográficas, afetivas, entre outros, que permitem ao leitor leituras múltiplas, diversas e relacionamentos intertextuais inumeráveis (WALTY et al, 2001, p.114).

Em síntese, pode-se dizer que “Conto de escola” da COSACNAIFY serve para mostrar que na sociedade informatizada ainda há lugar para a literatura infantil, para essa forma de arte que funde “sonhos e vida prática, o imaginário e o real” (COELHO, 2000, p.27). Mostra como as ilustrações podem enriquecer uma obra literária e contribuir para a formação de alunos leitores, alunos que apreciem a leitura literária.

ABSTRACT: A literary work is not written at random, from nothing to nothing. As the cards have their recipients, literary works also have a specific audience. Thus, the authors in your text introject an image reader who wishes to not only meet but also building. However, just as the author writes the text in the process of this embodiment, ie, in the editing process, other subjects come into play printed by printing through the paper type, the format, the size of the book, the illustrations , new meanings to the original building and also a public symbol with which the book will interact. Therefore, this study sought to discuss how the juvenile public is invited to look into *Conto de*

Escola of Machado de Assis, published by Cosacnaify. This fundamental research, the theoretical constructs of Iser, Zilberman, Lajolo, among others.

Keywords: Literary Reading, Machado de Assis, children.

REFERÊNCIAS

BELISÁRIO, Deise; ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira. “A interatividade da imagem com a (re) leitura do mundo: uma proposta de incentivo à leitura através do estímulo visual”. *Rev. Cadernos da Pedagogia*, ano 2, vol.2, n.3, jan./jul 2008.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão; SILVA, Antonio Manoel dos Santos. “Violência nas primeiras letras:a escola num conto de Machado de Assis”. *Rev. Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.3 , n.5, ago., 1999.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed.34, 1996.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo, UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.

LLOSA, Mario Vargas. *Cartas a um jovem escritor*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Conto de escola*. 4 reimp. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfried. *Imagem - cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Iluminuras, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. 4 ed. São Paulo: Global, 1993.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. 2 ed. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.